

O RÁDIO E O ALFABETO

GUSTAVO CORÇÃO

A propósito do voto do alfabeto, e em defesa da novidade, tem sido lembrado que o rádio e a televisão trouxeram uma modificação cultural que nos obriga a rever o antigo conceito de analfabetismo. Não, não é só pelos livros que se aprende. Aprende-se pelo ouvido também, mormente de alguns anos para cá: que hoje, a grande fonte de informação das massas populares não é mais a letra — é o rádio. A partir desta premissa, e com o brilho habitual, Raquel de Queiroz chega a duas conclusões. Devemos reivindicar energeticamente a libertação do Rádio, que hoje é veículo de propaganda política unilateral; mas devemos, também deixar que os analfabetos votem, pois não serão seus votos menos conscientes do que os do eleitoorado cidadão, embebedado de demagogia". O Dr. Sobral Pinto, em declaração publicada por um de nossos vespertinos, também justifica seu apoio ao voto dos analfabetos com a mesma alteração dos costumes produzida pelo rádio.

Devo dizer inicialmente que até hoje, em mais de um artigo escrito sobre o assunto, não me pareceu que devesse entrar no mérito da questão, ou na essência do analfabetismo e dos correlatos problemas sociológicos, por não acalantar a menor dúvida a respeito das intenções que viciam a questão. E não me gabo de especial argúcia para adivinhar essas intenções: o próprio líder da maioria, no discurso em que se referiu ao "eleitor de roca", deixou bem claramente estabelecido que a emenda e o projeto Valadares consultavam os interesses do partido. Nessas condições, a resposta mais adequada, a meu ver, não é aquela que analisa, que pondera, que discute a evolução dos conceitos. É antes a que denuncia a má intenção, ou a que opõe uma parede maciça à força bruta da maioria, como vem fazendo a oposição.

Mas já que nos propõem um problema interessante não seremos nós que fugiremos ao gosto de discutirlo. Antes de mais nada devo declarar que não acredito no valor mágico e absoluto da alfabetização. Não ignoro que muito analfabeto haverá mais capaz e mais consciente do que muito bacharel formado. A idéia marcada na Constituição é a de um mínimo que marque um limite inferior da cultura, e que tenha a dobrada significação de incitamento além da significação restritiva.

A idéia principal não é a de impedir o voto de certas pessoas pouco qualificadas: é ao contrário a de dignificar o voto e de usar essa dignidade do instrumento político como um incitamento cultural. Posto o problema nesses termos, conclui-se facilmente que a linha de evolução dos costumes políticos, para um país que anda para a frente, e a da crescente exigência e não a oposta.

No que concerne à modificação trazida pelo rádio não me parece que a novidade seja tão grande. Não é de hoje, nem pode ser atribuída ao progresso da electrónica a faculdade de aprender pelos ouvidos. A rigor o método é até mais antigo do que a palavra escrita. Antes de ter alto-falantes, as cidades do Interior sempre tiveram abundantes locutores. Qualquer analfabeto que à noite se acesse da farmácia, em Ponta Preta ou em Barra do Pirai, poderia ouvir os mais succulentos comentários da política nacional e da internacional, com a vantagem de conhecer quem falava, e com a vantagem maior de não ter o discurso interrompido para anúncio de um dos produtos da referida farmácia. Em Tombos de Carangola, quando por lá andei há trinta anos, ouvi um hoteleiro discorrer sobre a política de Clemenceau, e pareceu-me que o próprio ministro francês, se lá estivesse, colheria algum proveito. O analfabeto daquele tempo não ouvia diretamente o Rio de Janeiro, mas ouvia melhor os homens de sua cidade. Ouvia o doutor, ouvia o hoteleiro, ouvia o padre, ouvia o juiz, e ouvia os caixeiros viajantes. E às vezes ouvia religiosamente a leitura do jornal do dia. Poderemos nós hoje afirmar, com plena convicção, que um programa de rádio seja melhor do que aquelas reuniões antigas? Estará o analfabeto de hoje, pelo fato de ouvir diretamente a Capital, mais bem informado do que o analfabeto de ontem? A resposta não é fácil. Por mais maravilhosas que sejam as possibilidades de difusão cultural trazidas pelo rádio, e mesmo sem falar nos defeitos das organizações que exploram esse serviço, acho difícil admitir a idéia de um contacto directo entre o locutor da Capital e o analfabeto do sertão. O rádio será útil para aqueles que pelas letras já adquiriram certo nível cultural, mas difficilmente poderá substituir o contacto humano, a conversa próxima, a presença viva que são imprescindíveis, como nenhum pedagogo ignora, nos primeiros estagios da educação. O primario, como a criança, precisa de contacto humano, precisa ver a cara de quem fala, precisa conhecer e amar quem lhe ensina.

Por todas essas razões não me parece fácil imaginar um progresso trazido pelo rádio aos distantes analfabetos do país. Receio até o contrario. Receio que o alto-falante da praça publica tenha tirado ao analfabeto de hoje a fina sensibilidade auditiva de anos atrás. Antes porém de chegarmos a tão chocante conclusão, convenhamos que não é novo o método de aprender pelo ouvido, e que nunca passou pela idéa dos antigos legisladores que os analfabetos fossem também surdos.

No caso presente, em que pesa uma injusta censura sobre as difusões do rádio, o voto dado ao analfabeto será escandalosamente favorável ao partido que detem o poder. Como tão bem assinalou Raquel de Queiroz, um rádio tendencioso é muito pior do que dez atas falsas, porque corrompe as fontes, as consciências dos eleitores, e não somente os atos. Imaginando porém atingida a liberdade do rádio, ainda assim subsiste um inconveniente e um risco que me parecem importantes a esse método de difusão, desde que ele tenha, como tem

nosso caso, proeminencia sobre a imprensa e sobre o livro. O rádio leva uma terrível vantagem sobre a palavra escrita. Transmite a voz com toda a sua carga afetiva. Transmite as vibrações que compõem o timbre, e nas inflexões do timbre transmite a paixão que amplifica o alcance das frases e que intensifica o seu poder de penetração. Uma determinada proposição ganha conotações inesperadas, produz repercussões secretas e imprevisas, quando pronunciada de um modo que logra atravessar as barreiras do psiquismo consciente. O timbre, a voz viva,

têm esse poder de penetração que constitui um admirável recurso da pregação. Há evidentemente uma só maneira de dizer que o quadrado da hipotenusa é a soma dos quadrados dos catetos, mas as verdades que tenham maior densidade humana, as coisas que nos dizem respeito de modo mais próximo e mais denso, não têm a cristalina objectividade dos teoremas matemati-

cos. Nós as recebemos conforme nossa disposição interior, conforme nossa mentalidade, nosso mundo secreto, e é nesses labirintos de nossa alma que desempenham papel importantissimo a carga emocional que acompanha, que anima uma determinada pro-

posição. Essa é a vantagem terrível que a palavra falada leva sobre a palavra escrita. Essa vantagem, evidentemente, tem todos os riscos. A força emocional é de certo modo um atenuador do brilho racional. A força de penetração é de certo modo um

empobrecimento da discriminação. Por isso, na cultura em que houver predominancia do radio sobre a palavra escrita, haverá necessariamente maior teor de emoção, de irracionalismo, de paixão em torno de todos os problemas. A palavra falada é um meio de comunicação preciosissimo, mas onde faltar o modo mais assentado e pausado de

comunicação, esse vinho cordial que é o tom vivo, se transforma em licor inebriante e vertiginoso. Quem ouve, dá pouco de si. Está entregue. É passivo. Ao contrario, quem lê conserva mais intacta a capacidade de ponderar, de refletir, de procurar em si mesmo melhores razões de uma solida concordancia com o autor. Pode suspender a leitura, meditar, rereer. É mais dono de si mesmo. É portanto um erro grave imaginar que o progresso do rádio veio de algum modo suprir em nossa cultura as deficiencias produzidas pelo analfabetismo. Erro semelhante

se comete aqui quando se pensa que a aviação pode substituir as estradas. A conclusão a que chego, sem a menor intenção de produzir paradoxos interessantes, é exactamente contraria áquela a que chegaram os que defendem o voto dos analfabetos. Mais do que nunca se impõe a necessidade da alfabetização e a necessidade de marcar um limite para a capacidade de votar. Com o rádio e sem a palavra escrita teremos um eleitoorado deformado, um eleitoorado ébrio. Ou, como tão bem disse Raquel de Queiroz, "embebedado de demagogia".